

Seminário Internacional Problemas da Revolução na América Latina

Quito, 15 a 19 de julho de 2013

Companheiros e companheiras,

Desde o ano 2000, portanto, há 13 anos, o nosso Partido, o Partido Comunista Revolucionário do Brasil, participa deste importante evento da esquerda revolucionária da América Latina. Graças a ele, desenvolvemos importantes relações políticas com organizações do nosso continente e do mundo e trocamos experiências e ideias acerca da revolução e do socialismo.

Por isso e por termos consciência dos esforços que os camaradas do Partido Comunista Marxista Leninista do Equador e do Movimento Popular Democrático realizam para garantir todos os anos este Seminário Internacional, saudamos esta iniciativa dos camaradas e nos solidarizamos com os revolucionários equatorianos que, no momento, sofrem injustas perseguições do governo de Rafael Correa.

De toda maneira, como prova a conquista da liberdade do companheiro Marcelo Rivera, temos certeza que dessa luta surgirá uma pátria nova e socialista.

Modernização do capitalismo ou Revolução Social?

Camaradas,

Apesar de os grandes meios de comunicação da burguesia afirmarem diariamente que a crise econômica do capitalismo está no fim, os fatos não cansam de provar que a crise se agrava e causa cada vez mais destruição. De fato, mais de 200 milhões de trabalhadores estão desempregados, sendo que 75 milhões são jovens, milhares de famílias são despejadas de suas casas, e milhões de pessoas são jogadas na pobreza. Além do mais, um bilhão de pessoas vivem com fome no mundo, mais de dois bilhões não têm acesso à água potável, e 129 milhões de crianças são obrigadas a trabalhar para sobreviver.

Não bastasse, as potências imperialistas promovem intervenções e golpes militares para se apoderarem das riquezas dos povos e gastam trilhões de dólares em guerras e em operações para salvar bancos e monopólios falidos, enquanto o tráfico de drogas torna-se um dos principais negócios do mundo, ao lado da criminalidade e da prostituição.

No Brasil também é grande o sofrimento dos operários, dos camponeses e da juventude. Mais da metade dos trabalhadores não têm carteira de trabalho assinada, quatro milhões de camponeses vivem sem terra e 5,8 milhões de famílias não têm casa para morar. A violência contra a mulher cresce e crianças e jovens sem emprego e perspectivas de vida viram escravos das drogas.

Em todo o mundo, trabalhadores e jovens lutam para mudar essa situação. Nos últimos anos, várias greves gerais foram realizadas na Europa e levantes populares ocorreram em vários países.

Também no Brasil, as massas exploradas estão nas ruas lutando para melhorar suas condições de vida e exigir seus direitos.

Em junho, a juventude brasileira protagonizou uma série de protestos e de mobilizações que alcançaram cerca de 150 cidades em manifestações simultâneas, reunindo mais de três milhões de pessoas nas ruas do País.

Foi, sem dúvida, um dos maiores movimentos de massa já organizados pela juventude brasileira. Esse movimento é resultado de uma série de direitos negados ao povo, embora o governo continue pagando religiosamente os juros da dívida pública e tenha gasto bilhões para construir luxuosos estádios para a Copa do Mundo da Fifa.

O estopim dessa luta se deu com o aumento das tarifas nos transportes coletivos em diversas capitais. Nos últimos 20 anos, o sistema de transporte coletivo no Brasil passou por várias mudanças: não existem mais empresas públicas operando; houve uma queda drástica na qualidade dos serviços; e o preço das passagens faz com que o trabalhador que ganha um salário mínimo, gaste 20% de seu orçamento mensal com o transporte público de sua família.

Antes mesmo das grandes manifestações que tomaram o País em junho, no início deste ano, os estudantes tomaram às ruas de Porto Alegre e barraram o aumento de passagens, reunindo mais de dez mil pessoas na capital gaúcha. Em outros anos, cidades como Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Florianópolis, Belo Horizonte, Teresina e João Pessoa já tinham assistido lutas iguais.

Diante da multidão que tomava às ruas, os governos reprimiram violentamente as manifestações. Mais de 1.000 pessoas foram presas e centenas hospitalizadas. Gás de pimenta, bombas, balas de borracha, prisões arbitrárias e muitas infiltrações policiais nas manifestações foram os meios usados pelos governos para deter os protestos. No Rio de Janeiro, que teve a maior manifestação, o estudante de Engenharia da UFRJ e militante da UJR, Caio Brasil, foi preso e permaneceu em um presídio de segurança máxima durante três dias.

Mas a repressão ao movimento teve efeito contrário.

As sedes dos Governos e até o Congresso Nacional passaram a ser lugar comum para os manifestantes. Em diversos atos, a Rede Globo de Televisão, que tem sua história identificada com a colaboração à Ditadura Militar e faz um jornalismo a favor das classes dominantes, foi hostilizada nos atos, a ponto de seus repórteres esconderem a marcada emissora de seus microfones, roupas e carros. Mas de nada adiantou, o coro de “O povo não é bobo! Abaixo a Rede Globo!” ecoou de Norte a Sul do País.

As manifestações além de levantar a bandeira da redução dos preços das passagens, reivindicaram melhoria na saúde pública e na educação, fim dos gastos com Copa e da corrupção.

Depois de vários dias de batalhas nas ruas das principais capitais do País, os aumentos das passagens do transporte público foram revogados em mais de 50 cidades. Em outras cidades, Prefeituras e Governos se apressaram a declarar que não mais existiriam aumentos em 2013, e o passe-livre foi conquistado nas cidades de Vitória (ES) e de Goiânia (GO).

Portanto, as manifestações de junho impôs uma dura derrota aos governos e às dezenas de famílias ricas que controlam as empresas de ônibus nas capitais e que há décadas assaltam o povo com tarifas abusivas, e aos governos em todos os níveis.

As manifestações demonstraram ainda que a juventude está disposta à luta, não só à luta por seus direitos econômicos, mas à luta para transformar esse País, para acabar com as injustiças sociais e pode, portanto, ser ganha para ir além, para lutar pelo poder popular e pelo socialismo.

No dia 11 de julho, milhares de trabalhadores e trabalhadoras saíram às ruas no Dia Nacional de Luta, convocado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) em conjunto com as centrais sindicais e apoio dos movimentos sociais e populares. As principais reivindicações foram: redução da jornada de trabalho para 40h semanais, sem redução de salários; contra o PL 4330, sobre terceirização; fim do fator previdenciário; 10% do PIB para a educação; 10% do orçamento da União para a saúde; transporte público e de qualidade; valorização das aposentadorias; reforma agrária e suspensão dos leilões de petróleo.

A manipulação dos grandes meios de comunicação

Os grandes meios de comunicação da burguesia tentaram e ainda tentam manipular as manifestações e afastar os milhões de jovens que estavam nas ruas da esquerda revolucionária.

Não é de hoje que a burguesia e seus meios de comunicação fazem campanha para afastar as massas dos partidos revolucionários. Age assim porque sabe, como disse Manoel Lisboa, fundador do PCR, que “Sem a ação da vanguarda, sem a direção de um partido revolucionário, a revolta do povo será sempre inconsequente.”

Com efeito, numa sociedade em que os grandes meios de comunicação e o capital se encontram nas mãos da burguesia, só é possível as massas exploradas desenvolverem uma consciência revolucionária, isto é, ter consciência de que é preciso fazer uma revolução para transformar a sociedade capitalista, se os elementos mais conscientes do povo estiverem organizados num partido político e que este partido trabalhe para educar e elevar a consciência dos trabalhadores até a conquista do poder e a construção do socialismo. Sem um partido formado pelos mais conscientes, mais ativos e mais corajosos revolucionários, e que atue no sentido de organizar os trabalhadores para lutar pelo poder, e não simplesmente por reivindicações

econômicas, a burguesia, de posse de todo o aparato de repressão e ideológico de que dispõe, sofrerá derrotas parciais, mas seguirá governando e dominando a sociedade.

Assim mostra a história da Comuna de Paris e das vitoriosas revoluções russa, vietnamita, chinesa, cubana, e também a história mais recente das revoltas populares no Egito. Em outras palavras, a classe operária e o movimento popular só podem vencer as classe exploradoras se forem dirigidas por uma organização de revolucionários firme e armada com a teoria marxista-leninista.

Nossas tarefas

Porém, sabemos que essa luta não é nem será fácil. A grande burguesia tudo faz e fará para voltar a ter seus super lucros e salvar seu sistema da bancarrota. São por demais conhecidas as medidas que os governos capitalistas estão adotando para atenuar a crise econômica. Medidas essas que significam jogar sobre os ombros dos trabalhadores e dos povos as consequências da crise. Ou seja, aprofundar a exploração da classe operária para elevar a mais-valia e recuperar a taxa de lucro, privatizar empresas e serviços públicos, reduzir salários e retirar direitos dos trabalhadores. É o que vemos na Grécia, na Espanha, em Portugal e em outros países.

A esse caminho capitalista para resolver a crise, os trabalhadores e os jovens em todo o mundo dizem não.

Por isso, a tarefa que se impõe aos revolucionários no momento atual é apresentar uma alternativa clara ao sistema capitalista e trabalhar vigorosamente para desenvolver e avançar a consciência das massas populares, e em particular, da classe operária e dos camponeses.

Acreditamos que entre as propostas que devemos apresentar às massas são indispensáveis a nacionalização dos bancos e da terra, asocialização dos grandes monopólios capitalistas, além da suspensão imediata dos pagamentos das chamadas dívidas públicas, o fim das remessas de lucros para o exterior, a taxação das grandes fortunas, o aumento real dos salários dos trabalhadores, a reforma agrária ampla e radical, uma verdadeira democratização dos meios de comunicação e o estabelecimento do poder popular.

Companheiros e companheiras, é hora de erguer a bandeira da revolução e reafirmarmos o socialismo como única alternativa para por fim ao sofrimento e a miséria dos povos e a crise econômica.

Fruto do nosso trabalho e da nossa luta, um novo tempo chegou. Vamos, portanto, às ruas, as escolas, aos bairros e às fábricas levar a mensagem da necessidade de construir uma nova sociedade, sem repressão, sem injustiça e sem a exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista.

Viva a unidade dos revolucionários latino-americanos!

Viva o 17º Seminário Internacional!

Viva a revolução! Viva o socialismo!

15 de julho de 2013

Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário – PCR Brasil
WWW.PCRBRASIL.ORG